

AINDA A AGUA NO CAFESAL

Prof. JEAN MICHEL

Da Escola Agrícola "Luiz de Queiroz"

Antes de tratar das modificações que, numa plantação nova, ou na renovação de um cafezal em declínio, tenha o fazendeiro que pôr em pratica, em vista das condições actuaes e futuras da producção, voltemos á questão da agua que vemos ser de capital importancia, para o precioso arbusto como para a terra que o sustenta.

Bem sabemos que apregoar mudanças, mesmo insignificantes, nos methodos usados nas nossas fazendas, é tarefa ardua, pois nellas impera a miudo uma rotina baseada em concepções erroneas, mas que subsistem devido a certas apparencias de razão.

Não pertencerão a taes as praticas obedecendo às luas?

Tambem faz parte d'ellas aquella, bem enraizada, que pretende dar ao cabellame branquinho que encontramos rente á superficie, debaixo do cisco amontado, ou de palha espalhada em lua crescente ao pé da planta, o papel predominante na vida do cafeeiro e que, como tal, é intagivel e deve ser respeitado pelas carpideiras.

Tal modo de ver oppõe-se á lavra funda de infiltração das aguas, que apontamos anteriormente como pratica utilissima, sobre tudo se ella se faz cortando as aguas, limitando-se, no caso,

fim são primeiramente despidos da pellicula envolvente e depois suspensos ao ar livre ou collocados nas peneiras dos desseccadores para que se opere a evaporação da agua de constituição.

Logo que estiverem seccos podem ser acondicionados em latas de folha de Flandres, como se tratasse de figos seccos, etc. Os kakis seccos adquirem uma côr escura e ficam muito assucarados.

Si são acondicionados bem seccos, logo cobrem-se de uma efflorescencia branca que não é mais do que o assucar exsudado, e tomam então um bello aspecto.

isica em *fazer a barba* ao terreno, cuja superficie fica polida como espelho e, naturalmente, pouco favoravel á penetração das aguas, sendo pelo contrario mais favoravel ao seu maior escoamento e para a erosão consequente.

Queremos, tanto para aquelles que assim pensam e procedem, como tambem para a maioria dos cafezaes cujas disposições não facilitam, ou não permitem, as taes lavras de infiltração, indicar certos modos de arranjar o cisco e as varreduras que remedeem os inconvenientes resultantes de tal deficiencia no trato.

Terminada a colheita costuma-se espalhar o cisco — pois do contrario, juntando-o com algum matto que o colono possa carpir na occasião, dever-se-ia amontoal-o na parte alta da carreira, rente á fileira das plantas e, naturalmente, no sentido cortando as aguas, para impedir a sua rapida descida com a erosão e empobrecimento do terreno.

Como, porem, taes cordões não ficam de nivel, pois o terreno é liso, as aguas das fortes chuvas, ao juntar-se, vão escoando para baixo, ao lado do cordão, em procura de qualquer falha para abrir caminho mais curto, ou adquirindo velocidade e força, rompem a fraca muralha de varredura e cisco, para formar logo um pequeno arroio que cava e devasta.

O nosso collega, prof. Carlos Mendes, salva este inconveniente fazendo os cordões acompanhar as linhas de nivel.

Achando-se bastante proximos uns dos outros, de 10 para 12 metros, e convenientemente estabelecidos, taes cordões devem ser efficazes.

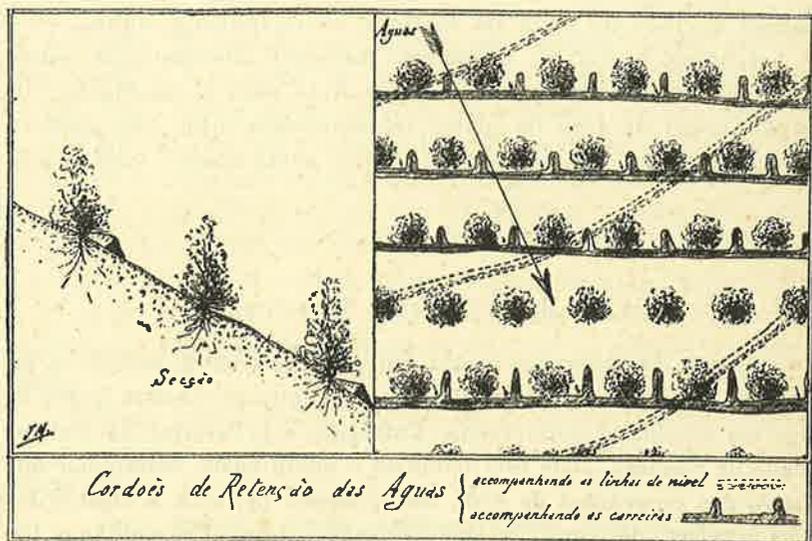
Mas elles apresentam varios inconvenientes, sendo o primeiro a difficuldade de os estabelecer correctamente, pois alem de precisar de camaradas experimentados para o seu traçado, como vão cruzando pelo meio do cafezal, taes cordões devem encontrar pés de café que os cortem e cuja saia, com o movimento do vento, os pode desfazer e abrir brecha.

Por outra parte, qualquer abertura no cordão, dando passagem a toda agua que elles retêm facilita logo a formação de enxurrada forte, pois a «avalanche» os quebrará todos de uma vez, correndo direito para a baixada ou vale. (vide a figura).

Accrescentaremos que os mesmos cordões, ao cruzar as carreiras, difficultam um tanto a passagem das carpideiras, cujos

animaes não os podem pisar sem risco de os desfazerem.

Taes coisas não acontecerão com o processo do meio corroamento ou dos «cordões recortados». Estes, como o mostra a figura, acompanhando as carreiras de café, são mais faceis de estabelecer, pois não se precisa de pessoal habilitado, e devem ser tambem mais efficazes, porque qualquer abertura que haja nelles apenas interessará o espaço de uma ou duas plantas e as aguas correspondentes ficarão logo represadas pelo cordão inferior, de tal maneira que a sua acção infiltrante e protectora fica garantida.



A figura dispensa de maiores esclarecimentos, sendo natural que os cordões longitudinaes e transversaes tenham altura e espessura sufficientes para empoçar a pouca agua que alli se juntará na occasião dos mais copiosos aguaceiros.

Quem achar tal processo demorado demais, e querendo poupar tempo e mão d'obra, ou julgar não ter cisco e varredura em sufficiente quantidade para estabelecer cordões em cada carreira, poderá limitar-se em fazel-os de duas em duas fileiras, com a mesma efficaçia, cuidando porém de fazer mais altos e fortes, e travessalmente um tanto mais compridos.

Tambem assim poderá se proceder em cafezal de pouco declive ou nas terras de mais facil penetração das aguas.

Comprehende-se que tal disposição, formando innumeradas fossas d'agua pouco fundas, e a terra aquecida pelos fortes calores da estação chuvosa, a evaporação será maior na occasião da chuva, reduzindo de tanto o coeffericiente de escoamento; mas este será compensado pela maior infiltração das aguas, que a força da gravidade obrigará a penetrar na terra que cobrem em beneficio da cultura e do mesmo terreno preservado da erosão, tão prejudicavel.

Naturalmente os cordões podem ser estabelecidos no meio da carreira, sendo porém indicado fazel-os pegados ás saias das plantas do lado de cima da carreira, como indica a figura.

Estando assim as pequenas travessas dissimuladas entre dois pés consecutivos, o terreno fica livre para a passagem da carpideira ou do bico de pato, circumstancia que não deixará de ser devidamente apreciada pelos cafeicultores cuidadosos.

Grãos de trigo com 55 seculos!

Noticia *La Nature* que o prof. Langdon, de Oxford, encontrou, no fundo de um vaso que data de 3.600 annos antes de Christo, grãos de trigo em estado de conservação. Entregues a J. Percival da Universidade de Reading, pôde este botanico, a muito custo, determinar que o trigo das escavações de Rish, Mesopotamia, pertence á especie *Triticum turgidum*, desconhecido dos egypcios e da qual se cultivam hoje muitas variedades modernas, de valor. Esta descoberta traz alguma luz na origem e evolução do trigo.

*

O que o agricultor adiantado não deve fazer

E' um mytho querer augmentar a "potencia hereditaria" de uma variedade de trigo semeando-a em terreno fertil e escolhendo, cada anno, as plantas mais bellas, as espigas melhores, e os grãos maiores! — escreve *Ch. Crépin* no *Journ. d'Agric. Pratique*. No entretanto isso se faz inutilmente entre nós, em estabelecimentos officiaes de selecção de sementes.

O. D.